

LEITURA E ESCRITA: IDENTIDADES NA CAATINGA

Data de submissão: 10/10/2024

Data de aceite: 01/10/2024

José Arivaldo Moreira Prado

Mestrando do PPGCI/UFS
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão - Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/6253183056494343>

Valéria Aparecida Bari

Professora Dra. Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação/
PPGI/UFS
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão - Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/0106962520738975>

Vanderléa Nóbrega Azevedo Cortes

Profa. Mestra em Gestão da Informação e
do Conhecimento
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão - Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/5544481320922328>

RESUMO: A Caatinga, um bioma único e rico em cultura, encontra na leitura e na escrita ferramentas poderosas para preservar sua identidade. Este estudo, baseado em uma revisão narrativa da literatura, investiga o papel da biblioteca comunitária na formação e expressão da identidade do povo da Caatinga com o objetivo de dialogar, despretensiosamente, sobre os

novos projetos de vida e suas leituras, dentro das possibilidades das bibliotecas Comunitárias, unidades de informação que se distribuem nas cidades e localidades do semiárido, fomentadas por políticas públicas, investimentos internacionais, ou até mesmo pela organização social de algumas comunidades, garantindo o direito de leitura para a completude da cidadania e identidade dos que lá vivem. Através de uma análise qualitativa, foram analisados trabalhos de diversas áreas que dialogam com a Ciência da Informação, com foco nas relações entre leitura, escrita e identidade cultural nesse contexto. Os resultados evidenciam a importância da palavra como instrumento de preservação da cultura e memória da Caatinga, além de destacar o papel da biblioteca comunitária na mediação da leitura e na promoção da diversidade linguística. A pesquisa conclui que a leitura é um direito humano fundamental e que a promoção da leitura pública é essencial para a resistência cultural e a valorização da identidade local.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; biblioteca comunitária; Biblioteca do Paiajá; Ciência da Informação.

READING AND WRITING: IDENTITIES IN THE CAATINGA

ABSTRACT: The Caatinga, a unique and culturally rich biome, finds in reading and writing powerful tools to preserve its identity. This study, based on a narrative literature review, investigates the role of the community library in the formation and expression of the identity of the Caatinga people, with the aim of engaging in an unpretentious dialogue about new life projects and their readings, within the possibilities of community libraries. These information units are distributed in cities and localities of the semi-arid region, fostered by public policies, international investments, or even by the social organization of some communities, ensuring the right to read for the completeness of citizenship and identity of those who live there. Through a qualitative analysis, works from various fields that dialogue with Information Science were analyzed, focusing on the relationships between reading, writing, and cultural identity in this context. The results highlight the importance of the word as an instrument for preserving the culture and memory of the Caatinga, as well as emphasizing the role of the community library in mediating reading and promoting linguistic diversity. The research concludes that reading is a fundamental human right and that the promotion of public reading is essential for cultural resistance and the appreciation of local identity.

KEYWORDS: reading; writing; community library; Paiaí Library; Information Science.

1 | INTRODUÇÃO

A Caatinga, bioma brasileiro de rica diversidade e beleza singular, abriga um universo cultural igualmente vibrante, marcado por tradições, histórias e saberes transmitidos de geração em geração. Nesse contexto, a leitura e a escrita emergem como recursos de preservação da identidade e memória do povo nordestino, imbricando-se profundamente com a cultura local. A presente pesquisa, intitulada “Leitura e Escrita: Identidades na Caatinga”, busca desvendar o papel crucial da escrita na construção e perpetuação da identidade regional, explorando a relação profunda entre a palavra escrita e a cultura catingueira.

A palavra caatinga, criada pelos povos originários brasileiros para denominar a “floresta branca”, descreve um bioma repleto de significados históricos para os brasileiros. O clima semiárido e as incríveis paisagens representaram um desafio, muitas vezes intransponível, ao processo civilizatório dos colonizadores europeus. Contudo, para os povos originários, a caatinga foi gentil esconderijo, no qual muito de sua identidade e cultura, ainda hoje, encontram-se ao mesmo tempo preservados e dinâmicos.

É incrível pensar, inclusive, que o polígono das secas é uma região geográfica que guarda mais que encantos. São, aproximadamente 700 mil km² de extensão, com um solo arenoso, que pode estar coberto de galhos nus, ou de verdejantes campos e flores coloridas. Desta origem, grandes cabedais da intelectualidade brasileira se originaram, e contribuíram com a construção do conhecimento e os aspectos mais brilhantes de nossa cultura.

Paradoxalmente, no século XXI, em plena Era da Informação, encontramos comunidades isoladas por barreiras tecnológicas. O elevado custo do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) impede que muitas pessoas, especialmente em regiões mais remotas como o sertão, participem plenamente das novas experiências de aprendizagem e cidadania. Diante desse cenário, é necessário repensar, além de uma leitura que ultrapasse essas muralhas de sinais de satélite, uma nova forma de interação entre os sertanejos, a leitura, a escrita, e seus projetos de vida.

O objetivo deste capítulo é dialogar, despreziosamente, sobre os novos projetos de vida e suas leituras, dentro das possibilidades das Bibliotecas Comunitárias, unidades de informação que se distribuem nas cidades e localidades do semiárido, fomentadas por políticas públicas, investimentos internacionais, ou até mesmo pela organização social de algumas comunidades, garantindo o direito de leitura para a completude da cidadania e identidade dos que lá vivem. Como campo empírico observado, a Biblioteca do Paiaíá falará por si, como edificação coletiva de uma comunidade fincada no coração da caatinga.

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, por meio de uma revisão narrativa da literatura, para compreender o papel das bibliotecas comunitárias na construção de novos projetos de vida e na formação da identidade cultural no contexto da Caatinga. A revisão se concentrou em estudos que investigassem as relações entre leitura, escrita e identidade cultural, com um olhar especial para as especificidades das bibliotecas comunitárias nesse contexto, que envolve questões identitárias e informacionais. Duas das obras adotadas, inclusive, foram coletâneas produzidas como conhecimentos emergentes dos estudos sobre o próprio campo empírico analisado, ou seja, organizados em eventos de ação cultural da Biblioteca do Paiaíá (Novaes (org.) et al., 2016; Novaes (org.) et al., 2020).

Foram analisados trabalhos de diversas áreas do conhecimento, com foco em diálogos interdisciplinares com a Ciência da Informação (CI), buscando identificar as principais tendências e debates sobre o tema. A Biblioteca do Paiaíá, com sua história e características únicas, serviu como um caso exemplar para aprofundar a análise e compreender como as práticas de leitura e escrita se manifestam em uma comunidade específica.

2 | A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA CAATINGA

A ocupação dos territórios da Caatinga apresenta particularidades em relação a outras regiões com diferentes biomas. Enquanto em outros climas, a organização dos espaços urbanos e rurais costuma estar diretamente relacionada aos modos de produção, na Caatinga essa distinção é menos evidente. A escassez hídrica impera, unindo a população em torno de um objetivo comum: o acesso à água. Essa busca por um recurso tão fundamental molda a organização social e espacial da região.

Tanto em áreas urbanas quanto rurais, a água exerce um papel central na organização social, lembrando as antigas civilizações que floresceram às margens de grandes rios como o Tigre, o Eufrates e o Nilo. No caso da Caatinga, o rio São Francisco desempenha um papel similar, atraindo para si as águas de inúmeras veredas intermitentes e formando paisagens dinâmicas, com praias e deltas em constante transformação.

Sob uma aparente serenidade, a leitura e a escrita na Caatinga acompanham as transformações rápidas e dramáticas da paisagem. Assim como as águas subterrâneas alimentam e moldam o ecossistema, as ideias e os conhecimentos, muitas vezes ocultos, impulsionam a cultura e a identidade dos povos que habitam essa região. Infelizmente, essa riqueza cultural e intelectual permanece invisibilizada pelas políticas públicas, persistindo, no entanto, nas práticas e tradições desses povos.

Nessa narrativa, a Associação Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, mais conhecida como Biblioteca do Paiaíá, emerge como o cerne da narrativa, o campo empírico do qual vamos tratar.

Nascida de amor e desejo, não possui uma estrutura utilitária, nem um objetivo formal. Apenas, cresce e se desenvolve para realizar as aspirações leitoras, e permitir a cada cidadão que nela ingresse a aventura de uma “caça ao tesouro”, entre muitas estantes de livros aproximados pela afinidade de assunto. Inclusive, é um ambiente social no qual é possível ler algo que vai além das palavras:

Como não se emocionar com a história do pequeno produtor rural que, mesmo analfabeto, é um sócio assíduo da biblioteca, onde lê nas figuras dos folhetos da Embrapa os conhecimentos telúricos sobre as plantas e os bichos do seu roçado? Como não se comprometer com o futuro dos pequeninos que vão fazer a lição de casa no espeço de leitura da biblioteca, minúsculo fisicamente, mas imensurável nas histórias e estórias das páginas impressas e das imaginações dessas crianças (Reis; Besnosik; Novaes, 2020, p. 57).

Fundada em 2001 e registrada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 2004, a biblioteca é fruto da iniciativa do docente e pesquisador Geraldo Moreira Prado e da mobilização de jovens estudantes do povoado de São José do Paiaíá, em Nova Soure (BA). Entre esses jovens, encontra-se o próprio autor deste capítulo, que tem dedicado seus esforços à continuidade e ao desenvolvimento deste projeto de vida na Caatinga.

2.1 Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

A verdadeira libertação não surge de decretos em gabinetes, mas sim da construção individual, em nossos próprios territórios mentais. A leitura, como mediadora documental, transporta o sertanejo para os confins da imaginação humana, permitindo-lhe um acesso direto ao conhecimento. Conforme a célebre máxima de Shiyali Ramamrita Ranganathan, “Os livros são para usar. Para cada leitor, seu livro. Para cada livro, seu leitor. Poupe o

tempo do leitor. A biblioteca é um organismo em crescimento” (Ranganathan, 2009). Nesse princípio, a leitura se revela um ato transformador, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade.

Já a versificação, um fato mais antigo, fazia possível a memorização de narrativas que, aparentemente, não mereciam o registro escrito dos detentores dos poderes instituídos. Em muitos cantos do mundo, a rima foi utilizada para cadenciar a memória, assim como as cantigas nos vem para apoiar sua expressão. Assim como os trovadores e bardos europeus, os *griots* africanos, os *manaschis* asiáticos ou os modernos *rappers* estadunidenses, os repentistas da Caatinga constituem uma tradição oral que une música, poesia e improvisação.

No semiárido nordestino, a prática do repente se manifesta de forma singular, democratizando o acesso à palavra e à criação artística. Em desafios e brincadeiras, crianças e adultos se envolvem em embates poéticos, demonstrando um profundo conhecimento do idioma e uma criatividade ímpar. Essa tradição, ao longo dos séculos, tem sido fundamental para a preservação da cultura popular, da memória coletiva e da identidade regional, transmitindo valores, conhecimentos, temas e histórias de geração em geração.

3 | A LÍNGUA, AS LINGUAGENS E A DIVERSIDADE

Em contraponto às políticas públicas que negligenciam a oferta de serviços culturais em áreas remotas, a biblioteca comunitária surge como um oásis de conhecimento e cultura. Superando distâncias e desafiando a infraestrutura precária, a biblioteca se torna um ponto de encontro para pessoas de todas as idades, desde crianças ávidas por novas histórias até universitários em busca de aprofundar seus estudos. A biblioteca comunitária, assim, não apenas satisfaz as necessidades informacionais da comunidade, mas também fortalece os laços sociais e promove o desenvolvimento cultural da região.

Em dezembro de 2014, a Biblioteca do Paiaíá plantou a semente de um sonho que floresceria nos anos seguintes. O primeiro “Encontro sobre o livro, a leitura e a inclusão social no território nordeste II da Bahia” reuniram, pela primeira vez, amantes da literatura e entusiastas da leitura em torno de um objetivo comum: democratizar o acesso ao conhecimento e fortalecer a cultura local. Graças a parcerias com universidades, que viabilizaram recursos fundamentais para a realização do evento, e à participação massiva da comunidade, o encontro superou todas as expectativas.

A energia contagiante e a sede de conhecimento da população demonstraram o quanto a biblioteca já era um ponto de referência cultural para a região. A partir desse marco inicial, o evento evoluiu e se consolidou como a Festa Literária do Paiaíá, um dos mais importantes eventos literários do Nordeste, que continua a inspirar e a transformar vidas.

O que se torna importante, na proatividade do grupo social que, sem apoio financeiro, transforma uma pequena localidade em um torrão visível nos quatro continentes? Tudo se constrói em torno de um relacionamento, estabelecido entre a humanidade e a sua leitura.

É possível definir o papel primordial dos bibliotecários, professores, pais e responsáveis, na formação leitora dos chamados novatos, colocando-os em contato com obras tangíveis ou digitais, povoando sua vida de fantasia e afetividade. Mas, quem é que vai construir, para este leitor, um perfil próprio e o instinto da “caça às fontes de informação e conhecimento”, inerente aos ancestrais naturais que nos trouxeram até aqui?

Redefinir re-conceituar, ampliar as acepções sobre leitor e leitura, propõe uma abertura para novos olhares sobre a prática do letramento e compreensão da dimensão dos desafios impostos aos espaços tradicionais de formação. Os manuais tornam-se obsoletos, porque ainda desconsideram a realidade contemporânea da velocidade de acesso à informação. Se esta informação, promovida com os filtros das redes sociais e das grandes plataformas como o Google, é qualificada, é um outro aspecto a ser analisado, mas não se pode desconsiderar esta realidade, nem pensar as práticas de letramento a partir da ótica nostálgica de que “os jovens não leem” (Reis; Besnosik; Novaes, 2020, p. 71-72).

Nesse contexto, o preconceito linguístico emerge como um desafio a ser superado. Os habitantes locais, cuja fala é ricamente entremeada por elementos do Guarany e do Paiaíá, encontram-se em uma situação de bilinguismo e multiculturalismo, mas frequentemente se sentem deslocados diante da norma culta da língua portuguesa. A escrita formal e os conteúdos midiáticos, muitas vezes, parecem códigos inacessíveis, criando uma barreira entre a cultura local e o mundo letrado. No entanto, à medida que a necessidade de qualificação profissional e de participação na vida pública se intensifica, a valorização da língua padrão se torna cada vez mais evidente.

Essa tensão entre a identidade linguística local e as demandas da sociedade contemporânea exige políticas públicas e ações educativas que promovam a valorização da diversidade linguística e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que articulem a língua materna dos estudantes com a língua portuguesa padrão. Segundo Bagno,

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única Língua Portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários (Bagno, 1999, p.40 *apud* Greimes, 2021, p.83).

Uma das reações, que se configura como resultado de movimentos sociais que tem trazido para nível mundial a questão da decolonização da fala, pensamentos que vão contra a corrente da padronização estabelecem uma polifonia possível aos moradores da caatinga: “Parece que o melhor será conduzir os alunos a alternar a fala familiar com a norma culta, em conformidade com as situações do intercurso verbal” (Pereira, 2020, p. 91). Mas, onde é o espaço possível para esta alternância?

A biblioteca comunitária, sendo um espaço que acolhe as diferentes fontes de registro

da informação e do conhecimento, representa também um ambiente de desenvolvimento do lugar de fala. Ao trazer para a existência da juventude na comunidade um espaço de interlocução, um contato desobrigado de deveres e reforços com a leitura, este encontro é passível de construir expressões, além de estilos mais individualizados de expressão da fala e do pensamento. E, como deixar de ver o sublime da variante do Português, num espaço geográfico que se constrói na poesia? A experiência válida com o poeta José da Luz, pode nos dizer:

Ai! Se sêsse!...

Se um dia nós se gostasse;
Se um dia nós se queresse;
Se nós dois se impariásse,
Se juntinho nós dois vivesse!
Se juntinho nós dois morasse
Se juntinho nós dois drumisse;
Se juntinho nós dois morresse!
Se pro céu nós assubisse?
Mas porém, se acontecesse
qui São Pêdo não abrisse
as portas do céu e fosse,
te dizê quarqué toulíce?
E se eu me arriminasse
e tu cumigo insistisse,
prá qui eu me arrezorvesse
e a minha faca puxasse,
e o buxo do céu furasse?...
Tarvez qui nós dois ficasse
tarvez qui nós dois caísse
e o céu furado arriasse
e as virge tôdas fugisse!!!

Ver-se sob a marca identitária de um cidadão nordestino, em especial do sertanejo da Caatinga, revela também que nossas origens foram apropriadas e ressignificadas, de acordo com os interesses culturais e identitários da coletividade. Observando os arcaísmos da impressão dos folhetos e da maneira como ocorre a expressão mais profícua da poesia local, nos deparamos com uma variedade e, ao mesmo tempo, com elementos comuns de identificação.

A relação das pessoas do Nordeste, principalmente das regiões sertanejas, com a poesia popular difere do que entendemos e vemos na região Sudeste, por exemplo. O folheto nordestino está inserido neste contexto de riqueza poética, de lazer através das cantorias, declamações, contações de história e tudo que envolve este universo da poesia popular nordestina (Grisi, 2020, p. 135).

É possível ter uma visão mais ampla da identidade sertaneja como um mosaico complexo, formado por diversas peças que se encaixam e se complementam. Ao longo da história, essa identidade foi moldada por fatores como a geografia, a economia, a cultura

e a política.

A análise da cultura popular do sertão, em particular dos folhetos de cordel, nos permite compreender melhor essa complexidade e a riqueza da identidade sertaneja e sua relação com a escrita e a leitura. Ao valorizarmos nossa história e nossas tradições, contribuimos para fortalecer a identidade regional e para construir um futuro mais justo e equitativo para todos os sertanejos.

4 | O ENCONTRO DE GERAÇÕES NA BIBLIOTECA DO PAIAIÁ

Enquanto a juventude é frequentemente associada à busca por sentido através da leitura, a terceira idade também encontra nessa prática um refúgio e uma fonte de enriquecimento. O aumento da longevidade, resultado de avanços na saúde e na qualidade de vida, trouxe consigo um contingente crescente de idosos em todo o mundo. Nesse período, marcado por transformações e novos desafios, a leitura emerge como uma companheira fiel, capaz de proporcionar momentos de prazer, conhecimento e reflexão. No entanto, a sociedade, muitas vezes, impõe aos idosos uma série de limitações, negligenciando suas necessidades e potencialidades. A leitura, nesse contexto, torna-se um ato de resistência, uma forma de manter a mente ativa, de se conectar com o mundo e de encontrar um novo sentido para a vida.

É um olhar capitalista sobre o ciclo da vida humana. Se existe, contudo, um momento especial, dar acesso à leitura, ou aquela atmosfera que a cerca, são marcas de cultura verdadeiramente inclusivas e revolucionárias. Na Biblioteca do Paiaíá, a participação dos idosos é constante. Seu fundador, Geraldo Moreira Prado, que já se inscreveu na terceira idade mesmo antes do registro da Associação, é o espelho no qual muitos puderam se mirar.

A comunidade de São José do Paiaíá, que sedia a Biblioteca do Paiaíá, tem cerca de 800 habitantes, desta população grande parte são idosos que se constituem um patrimônio de memória cultuado nas diversas ações realizadas pela biblioteca (Santos; Leite, 2020, p. 197).

Encontro de gerações, encontro da leitura. Encontros. Quando o sol está se pondo, pessoas voltam de suas ocupações laborais, descendo no ponto de ônibus próximo à biblioteca. Muitos caminham para lá, como uma passagem de seu caminho para casa. Alguns seguem para casa, outros se detêm na biblioteca, um oásis de conhecimento e tranquilidade. Nesse ir e vir, a biblioteca se transforma em um espaço dialógico, onde diferentes gerações se cruzam e trocam experiências.

Nesses caminhos, amigos se cumprimentam, estudantes trocam as últimas impressões sobre suas aulas. Pessoas correm para pegar os ônibus, de dentro da biblioteca, caso necessitem se deslocar para mais longe, no lusco-fusco da tarde. Os idosos são membros com igual protagonismo, neste ponto de encontro, e são mais que

parte da paisagem. Nós os temos ali, como mediadores e referências.

Como é permitido o empréstimo domiciliar de obras, este é um momento da troca, ou de bisbilhotar o que os amigos estão lendo. É uma mediação entre pares, O interessante é observar quem são os pares. Cidadãos, de diferentes idades, gêneros, origens, etnias. O olhar atento capta algo muito eletrizante, que ocorre nestas tardes.

A biblioteca é lugar de encontro da leitura, é o tempo dos livros e dos leitores. Ser assíduo à biblioteca é marcar encontro com os acervos, é fazer escolhas, é encontrar os amigos sempre abertos a compartilhar saberes e segredos. Uma biblioteca pode mudar a vida de uma pessoa, abrindo-lhe caminhos e possibilidades capazes de moldar o seu destino (Fonseca, 2020, p. 2016).

Então, para que a comunidade continue a existir e ser a razão de viver desta biblioteca comunitária, é necessária a resiliência a cultura exclusivamente utilitária da leitura, assim como a estruturação de relações voltadas para as finalidades específicas do estudo e do trabalho. Parece que a proibição de ler, a qual fomos constrangidos em nossa fase colonial, criou raízes na cultura e nos faz pensar em todos os acervos literários como bibliotecas escolares. E, por conseguinte, também não instalamos adequadamente as verdadeiras e necessárias bibliotecas escolares, que deveriam configurar ambientes de aprendizagem, dentro das unidades escolares.

É muito significativo, para a Biblioteca do Paiaia, oferecer a melhor experiência leitora aos estudantes, sabendo de antemão que as “chamadas” bibliotecas escolares pelos dirigentes da Educação, são estantes ou salas com livros, sem bibliotecários ou equipe própria, sem acesso contínuo, sem produtos e serviços informacionais, sem programação de ação e animação cultural, internet ou outros recursos imprescindíveis à leitura e pesquisa escolar da atualidade.

[...] cabe ressaltar que existe uma grande diferença entre a biblioteca escolar e a biblioteca pública, pois a escolar atua de maneira integrada com o projeto pedagógico da escola e, atende preferencialmente os alunos professores e funcionários da unidade escolar, enquanto que a biblioteca pública é aberta a todos e deve estar preparada para atender as diferentes demandas de informação e leitura da comunidade, ou seja, a curiosidade de uma dona de casa é tão importante quanto a autoinstrução de pessoas que buscam na biblioteca a possibilidade de aprimorar seus conhecimentos para obter melhores empregos, ou ainda, crianças e jovens que buscam na biblioteca atividades culturais (Machado, 2016, p. 89).

Ao proporcionar um espaço acolhedor e equipado, a biblioteca escolar com bibliotecário contribui para a formação de leitores críticos e conscientes, democratizando o acesso ao conhecimento e estimulando a paixão pela leitura. Afinal, a leitura é mais do que apenas decodificar palavras; ela é uma porta de entrada para outros mundos, um convite à reflexão e à construção de um futuro mais justo e equitativo.

A biblioteca do Paiaia, assim como outras bibliotecas que ocupam esse espaço de “resistência”, ao perceber a carência de bibliotecas escolares e municipais adequadas, se

propõe a ser um complemento e um incentivo à leitura, oferecendo um acervo diversificado, atividades culturais e um ambiente propício ao estudo. Ao ir além de uma simples estante de livros, a Biblioteca do Paiaia se torna um centro cultural, um espaço de encontro e troca de ideias, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e social da comunidade.

A Biblioteca do Paiaia representa um refúgio para aqueles que buscam conhecimento e inspiração. Em um contexto marcado pela precariedade de muitas bibliotecas escolares e municipais, a instituição se destaca como um farol de esperança, oferecendo um acervo diversificado e atividades culturais que vão além da simples leitura. Ao se posicionar como um centro cultural vibrante, a Biblioteca do Paiaia contribui significativamente para o desenvolvimento intelectual e social da comunidade, promovendo a inclusão, a cidadania e a construção de um futuro mais justo e equitativo

5 | O MARKETING BIBLIOTECÁRIO E AS REDES SOCIAIS

Como efeito social da concretização de muito do que se pretendia, veio a fama e o marketing de boca a boca, que trouxe pessoas de longe. Pesquisadores e pesquisadoras, do Brasil e do exterior, observavam a leitura se realizando, o letramento acontecendo. Inclusive, muito surpresos, esses pesquisadores se depararam com o espaço público que finalmente oferecia aos munícipes sua primeira experiência com a tecnologia wireless. Ao implantar a rede Wi-Fi, foi possível proporcionar aos habitantes uma possibilidade de acesso a informações diversas, que não enfraqueceu, contudo, os laços criados com a literatura impressa.

Afinal, a leitura não está relacionada ao suporte no qual o registro se encontra. Está muito mais relacionada à linguagem, assim como aos elementos narrativos que dialogam com o seu leitor. Compreendemos, por meio das vivências proporcionadas na Biblioteca do Paiaia, durante os seus vinte anos de existência como organização, que a leitura é um processo que se constrói à medida que atribuímos sentido aos conhecimentos, informações e experiências leitoras. Joseane Maia comenta:

Da mesma forma, Martins, ao ampliar a noção de leitura, afirma que ler deve ser considerado um processo de apreensão de símbolos expressos através de qualquer linguagem, portanto “o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido” (Martins, 1994, p. 30 *apud* Maia, 2007, p. 28).

Atualmente, o site da Biblioteca do Paiaia, assim como seu canal do Youtube, são realidades que comportam a audiência dos moradores do povoado e de pessoas de muitas partes do mundo. Segundo as pesquisadoras Lima e Besnosik:

Conhecer de perto a Biblioteca do Paiaia foi uma mistura de emoção e encantamento. Nós já conhecíamos a biblioteca por meio da reportagem de uma revista, mas quando surgiu a oportunidade de irmos pessoalmente

ao espaço físico da biblioteca, conhecer sua história e dialogar com o Prof. Geraldo Prado, idealizador do projeto, ficamos ansiosas (Lima; Besnosik, 2016, p. 264).

A afetividade e o carinho de quem não se conhece, que podemos atribuir à fama, geralmente não tem se dado sobre este tipo de relacionamento. Temos visto, nas redes sociais, o advento dos influencers, pessoas surpreendentes pela sua forma de falar, vestir, consumir. Algumas habilidades aparecem, principalmente musicais, muitas vezes voltadas para o culto ao corpo. Mas, leitura também cria influencers, muito inusitados.

Geraldo Prado, também conhecido como Alagoinhas, é uma pessoa apaixonada pela leitura, que saciou a sua sede por livros no Sudeste, e propiciou aos cidadãos de Nova Soure/BA a perfeita retribuição do carinho pela sua terra natal. O reconhecimento e o status de *influencer* veio, pois, ao contrário do que o senso comum aponta, os brasileiros gostam de ler e sabem admirar pessoas que se preocupam com a cultura leitora.

6 | AS POLÍTICAS E A INVISIBILIDADE DA LEITURA PÚBLICA

Pode-se afirmar, com base em fatos históricos, que o estado da Bahia, onde a maior parte da Caatinga se encontra presente, constitui-se numa sociedade leitora com muita antecedência, em relação às demais regiões do país. Para Martins:

Ao governo do Conde dos Arcos, ensina Varnhagen, “deveu-se a Bahía a sua primeira oficina tipográfica e o primeiro jornal e a primeira biblioteca pública, além de muitas obras que engrandecem a cidade”. [...] A Bahia teve, assim, a segunda biblioteca pública brasileira, fundada em 13 de maio de 1811 (Varnhagen *apud* Martins, 1996, p. 365).

Então, ler também é caminho de respostas no campo político, ou afirmação de que se pode compreender o regramento do mundo. É possível afirmar, mediante a experiência de 20 anos da Biblioteca do Paiaíá como organização, que fazer a leitura do mundo político também é algo que se aprimora.

A recente valorização das bibliotecas comunitárias por parte dos gestores públicos é uma notícia muito bem-vinda. A oferta de recursos para esses espaços, construídos com tanto esforço e dedicação por comunidades locais, representa um investimento fundamental para o desenvolvimento social e cultural. Esses recursos poderão ser utilizados para ampliar o acervo, melhorar a infraestrutura, capacitar os mediadores de leitura e, conseqüentemente, fortalecer o papel dessas bibliotecas como centros de aprendizagem e socialização. Será como a chuva na caatinga, que faz logo verdejar e florir.

A promulgação do Decreto nº 12.166, de 5 de setembro de 2024, que “Regulamenta a Política Nacional de Leitura e Escrita”, amplia os horizontes e demarca o reconhecimento das bibliotecas comunitárias como espaços públicos relevantes à formação leitora do país. Em seu artigo 11, posiciona formalmente as bibliotecas comunitárias no âmbito da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), como estabelecido pelo Sistema Nacional de

Bibliotecas Públicas e Comunitárias (SNBP).

Ao receber a significativa menção, a biblioteca comunitária passa a desfrutar de prerrogativas legais. Isso pode vir a constituir novas oportunidades, mas não se deve perder a referência de sua identidade e origem. Desse modo, embora a gestão e a obtenção de recursos serão apoiadas por políticas e até rubricas federais, é necessário que não se perca de vista a comunidade que funda o recurso informacional, seus interesses e necessidades informacionais.

Falando de outro modo, a obtenção de reconhecimento formal e recursos financeiros é um marco importante para a biblioteca comunitária, mas não deve significar uma ruptura com seus princípios fundadores. Ao contrário, essa conquista deve servir como um impulso para fortalecer a participação da comunidade na gestão da biblioteca. É fundamental que a biblioteca continue sendo um espaço de diálogo e cocriação, onde as necessidades e os interesses da comunidade sejam sempre priorizados. A adaptação às novas realidades, sem perder de vista a identidade local, é o grande desafio a ser enfrentado.

71 OS PRODUTOS E SERVIÇOS INFORMACIONAIS DA BIBLIOTECA DO PAIAIÁ

Quanto aos produtos e serviços informacionais da Biblioteca do Paiaiaá, como exemplo de trabalho que se constrói em comunidade, sempre foram resultado de discussões em reuniões, assim como da abertura constante para as sugestões dos frequentadores. Depois de todos esses anos, pudemos notar muitas aproximações aos serviços prestados por bibliotecas públicas da região, mas também muitas divergências.

Os produtos e serviços que são esperados de uma biblioteca que serve à leitura pública estão lá presentes, como o empréstimo de obras, o apoio às pesquisas e a resposta de questões diversificadas, foram rapidamente organizados. Ocorre que este verdadeiro dispositivo de leitura pública trilhou caminhos que aumentaram a sua capacidade.

A programação cultural contempla, até o presente, a cultura popular e a erudita, na medida certa para conquistar um público eclético e exigente. São organizadas rodas de leitura, contemplando diferentes interesses literários. Os docentes e mediadores de leitura da região recebem formações e orientações em seu espaço, com a presença de vários especialistas. Festivais de cinema, teatro e dança vão acompanhando o calendário, as ocasiões específicas e as efemérides. Uma síntese de todas essas práticas de ação e animação cultural é a Festa Literária do Paiaiaá, anualmente ofertada e hoje coberta por transmissões e gravações de registros fílmicos nas mídias, atividades presenciais e remotas, apresentações artísticas e científicas.

Foi possível, ao longo dos anos, tornar esta ação cultural um espaço de discussão de políticas públicas, assim como de diversidade. Representações dos povos originais, de movimentos sociais, de etnias, dos coletivos de leitura e bibliotecas comunitárias, também

consagraram a Biblioteca do Paiaia como ambiente deliberativo de decisões coletivas. A classe política e suas frentes parlamentares, seja em relação ao Nordeste ou ao Brasil, também se reúnem neste espaço, longe das intrigas palacianas de Brasília, para discutir a leitura pública e entrar em contato com seus protagonistas.

8 | O SURGIMENTOS DE NOVAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

A prática da abertura de bibliotecas comunitárias é considerada comum no Brasil, já que a necessidade de leitura dificilmente é contemplada por políticas públicas, e as pessoas acabam ampliando a utilização de suas bibliotecas pessoais, ou desenvolvendo outras estratégias de compartilhamento de livros, disponibilizados por diferentes situações.

No Paiaia, não foi diferente. Em 2001, uma ideia de implantação da “geloteca”, que nada mais é do que uma geladeira doméstica desativada, que é utilizada com estante de livros para uso público, foi o primeiro passo para organizar a comunidade em torno da constituição do que hoje conhecemos como a Biblioteca do Paiaia. Normalmente, estas iniciativas são como uma faísca, e a malha social toma conta do resto, dinamizando a implantação.

A criação de uma rede de bibliotecas comunitárias, em nível nacional e inscrita no Ministério da Cultura, exige não apenas o desenvolvimento de tecnologias e a capacitação de profissionais, mas também a participação ativa das comunidades. Ao envolver os usuários na construção e na gestão da rede, é possível garantir que as necessidades e os interesses da população sejam atendidos de forma mais eficaz. A crescente conscientização sobre o papel das bibliotecas na promoção da cidadania e do desenvolvimento local impulsiona essa participação.

Uma frequente reflexão é a de que as bibliotecas comunitárias um dia poderão assumir uma articulação em rede, devido às possibilidades abertas pelo software livre e pelo barateamento dos recursos de armazenamento em nuvem. Ainda existem alguns empecilhos, mas as competências informacionais da população têm aumentado, como êxito da educação pública e das medidas afirmativas.

O engajamento de bibliotecários, ou seja, bacharéis formados e com registro ativo no Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), está potencializando a maturidade das bibliotecas comunitárias do país, tendo como exemplo o que ocorreu na Biblioteca do Paiaia. Esta profissionalização e empreendedorismo significam, para a comunidade, contar com os conhecimentos explícitos e autorizações de um especialista, que também funciona como captador e gestor de projetos, tecnologias e fomentos.

9 | POR FIM, AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, as bibliotecas brasileiras têm incorporado tecnologias e softwares para otimizar seus processos, desde a Organização do Conhecimento e da

Informação (OCI), até a oferta de produtos e serviços informacionais diversos, assim como a capacitação da comunidade. A automação de bibliotecas no Brasil tem sido um processo contínuo e fundamental para a modernização dos serviços informacionais oferecidos por essas instituições. Um aspecto crucial desse processo é a crescente adoção de softwares livres pelas bibliotecas brasileiras.

Essa transformação digital trouxe inúmeros benefícios, como a agilidade no atendimento aos usuários, a ampliação do acesso aos acervos, a possibilidade de integrar diferentes sistemas e a geração de dados para análise e tomada de decisão. Além disso, a automação permitiu que as bibliotecas brasileiras se alinhassem às tendências globais da informação e se tornassem instituições mais dinâmicas e inovadoras.

A primeira geração do software livre, para automação de bibliotecas no Brasil ainda foi vinculada à Federação Internacional das Associações de Bibliotecários (*International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA*), oferecendo-nos o Micro-Isis, software configurado em linguagem C e uso livre. Cooperativamente, outros softwares com seus princípios foram adotados no Brasil. Temos exemplos de softwares livres para bibliotecas na atualidade, como: BibLivre, BiblioteQ, Educatux, *Evergreen*, *GNUTeca*, *Greenstone Digital Library*, *Koha*, *New Gen Lib*, *Open Library*, *PHL*, que tem sido testados e, comunitariamente, atualizados. Eles têm interoperabilidade com sistemas livres para gestão de atividades de produção e gestão de conteúdos, como: Linux, Firefox, *LibreOffice*, *Audacity*, *WordPress*.

A opção por esta adoção, que é o caso da Biblioteca do Paiaí, desde seu princípio, implica no autodidatismo e na opção por soluções pesquisadas, na Gestão da Informação e do Conhecimento (GIC). Mas, isso não impede que determinadas bibliotecas comunitárias não desfrutem de assinaturas de softwares, já que esta decisão libera tempo para as atividades-fim da organização. Contudo, uma questão de soberania, em relação à dependência do capital internacional, pode levar a uma importante reflexão, no tocante a autonomia da biblioteca comunitária como unidade de informação.

A construção de uma rede de bibliotecas comunitárias que compartilhem recursos e conhecimentos, utilizando software livre e plataformas abertas, pode ser uma alternativa promissora para garantir a autonomia e a sustentabilidade dessas instituições. Ao desenvolverem soluções colaborativas, as bibliotecas comunitárias podem reduzir custos, fortalecer suas identidades e contribuir para a democratização do acesso à informação. Além disso, a criação de uma comunidade de prática pode facilitar a troca de experiências e o desenvolvimento de projetos inovadores.

Esta reflexão, como todas as outras apresentadas neste artigo, vislumbram que tudo o que acontece na biblioteca comunitária exerce influência sobre a comunidade que a mantém viva.

10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado, com frequência, constrói uma narrativa que busca unificar a população e criar uma identidade nacional. No entanto, a valorização da identidade muitas vezes reside nas nossas diferenças. Pertencer à Caatinga nunca foi um obstáculo para o desenvolvimento intelectual e a produção de conhecimento. Ao contrário, a vivência nessas comunidades, com suas diversas etnias e origens, pode fomentar um contato mais íntimo com caráter cultural e identitário. Poder-se-ia afirmar que o pertencimento à estas comunidades, de várias etnias e origens, configura um contato muito estreito com a arte, a poesia e a identidade local.

A Caatinga, com sua rica biodiversidade e cultura, é um território fértil para a produção de conhecimento. As comunidades tradicionais que habitam essa região possuem um conhecimento profundo sobre a natureza, a história e a cultura local, transmitido de geração em geração. Ao valorizarmos esse conhecimento ancestral, podemos fortalecer a identidade dessas comunidades e contribuir para a construção de um futuro mais sustentável. As bibliotecas comunitárias desempenham um papel fundamental nesse processo, ao preservar e difundir esse patrimônio cultural, promovendo a leitura, a pesquisa e o diálogo entre diferentes culturas.

Mas, olhar pelo passado e para o futuro, são marcas essenciais à sobrevivência da cultura, identidade e modo de vida. A resistência e a resiliência às práticas hegemônicas do silenciamento daqueles que diferem em opinião e expressão da hegemonia e do capital segue. Vamos buscando, por diferentes meios, compartilhar os momentos que estão guardados na literatura, nas obras científicas, nas histórias em quadrinhos e em outras formas de leitura, a que todos deveriam ter acesso.

Assim como a Caatinga resiste às adversidades climáticas e se renova a cada estação, as comunidades que habitam esse bioma também resistem às imposições e às desigualdades. A leitura, nesse contexto, é uma fonte de inspiração e conhecimento, que fortalece a identidade cultural e a luta por direitos. Ao compartilhar histórias que refletem a realidade dessas comunidades, as bibliotecas comunitárias contribuem para a valorização da cultura local e para a construção de um futuro mais justo e sustentável. Ao oferecer um acervo diversificado e promover atividades culturais, essas bibliotecas contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes, além de notabilizar o registro escrito de sua produção de conhecimento. Ao compartilharmos experiências, fortalecemos os laços comunitários e construímos um futuro mais justo e igualitário para todos.

A leitura pode ser considerada um direito humano básico. A legislação brasileira também prevê a criação e manutenção de bibliotecas públicas para todos os cidadãos brasileiros. Se as políticas públicas, até o presente momento no Brasil, dedicaram pouca energia à disseminação da leitura e à edificação de ambientes e equipamentos públicos de leitura acessíveis para todos, o que isso significa?

Se devemos lutar para pertencer e sermos soberanos, diante da cultura letrada, a postura proativa em relação à leitura pública é um ótimo começo. Defender este direito humano, fará de nós mais humanos. Perceber-se como pessoa, empoderar-se, ter direito de sonhar, também são direitos que nos assistem e fazem parte da dignidade humana, independentemente da idade, sexo, etnia, crenças, preferências, convicções, apenas porque estamos aqui. E as flores da caatinga sempre decidem quando querem florir.

A leitura não se limita ao ato de decodificar palavras escritas em um determinado registro. Ela é uma prática social e política que nos permite construir pontes entre diferentes pessoas, culturas e tempos, questionar o status quo e imaginar futuros alternativos. Ao promover a leitura, estamos fortalecendo a democracia, a cidadania e o pensamento crítico. As bibliotecas comunitárias, nesse contexto, atuam como espaços de resistência e de construção democrática do saber, onde todos têm o direito de acessar a informação e de expressar suas ideias.

Assim como as flores da Caatinga encontram força para florescer em um ambiente aparentemente hostil, a leitura nos proporciona a resiliência necessária para superar os desafios e construir um mundo mais humano. Perceber-se como pessoa, empoderar-se, ter direito de sonhar, também são direitos que nos assistem e fazem parte da dignidade humana, independentemente da idade, sexo, etnia, crenças, preferências, convicções, apenas porque estamos aqui. E as flores da caatinga sempre decidem quando querem florir.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BERALDO, Jairo. "Preconceito linguístico". **Site Brasil Escola**, 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>. Acesso em 29 de maio de 2024.

FONSECA, Aleilton. Literatura: profissão de fé e esperança. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020. p. 211-217.

GREMES, Rayany Peixe. A sociolinguística e a desconstrução do preconceito linguístico. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 78-89, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/1364/1431>. Acesso em: 29 maio 2024.

GRISI, Maria Vitória de Resende. Literatura de cordel como material didático: análise de modelos e implicações. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020. p. 129-150.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas; BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. A formação de leitores no cenário atual: desafios e responsabilidades. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); BESNOSIK, Maria Helena da Rocha (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano**. Feira de Santana: UFES Editora, 2016. p. 263-280.

MACHADO, Elisa Campos. O papel das bibliotecas públicas e comunitárias para o incentivo à leitura e para inclusão social e cultural dos pequenos municípios brasileiros. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); BESNOSIK, Maria Helena da Rocha (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano. Feira de Santana: UFES Editora, 2016. p. 87-100.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

NOVAES, Claudio Cledson (org.); BESNOSIK, Maria Helena da Rocha (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano**. Feira de Santana: UFES Editora, 2016.

NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020.

PEREIRA, Aurea da Silva. Que escola se quer? A da diversidade ou a da exclusão? *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020. p. 81-94.

RANGANATHAN, S. R. **As Cinco Leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009. 336 p.

REIS, Mirian Sumica Carneiro; BESNOSIK, Maria Helena da Rocha; NOVAES, Claudio Cledson. Biblioteca do Paiaíá: território de memórias e identidades para a formação de leitores. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020. p. 55-75.

SANTOS, Grasielle Santana; LEITE, Nidnês Nascimento. Bioética, ancianidade e envelhecimento: o direito de envelhecer com dignidade. *In*: NOVAES, Claudio Cledson (org.); PRADO, Geraldo Moreira (org.); PRADO, José Arivaldo (org.); REIS, Mirian Sumica Carneiro (org.). **Livro, leitura e Inclusão social no sertão da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2020. p. 197-207.